

**ESTÁDIO-CASA, HISTÓRIA E PERTENCIMENTO: REFLEXÕES A
PARTIR DE SEGUNDO TEMPO, UM DOCUMENTÁRIO POR
ROGÉRIO ZAGALLO (2017)**

Ana Caroline Lessa¹

**Stadium-home, history and belonging: considerations from Segundo
Tempo, a documentary by Rogério Zagallo (2017)**

“Não há nada menos vazio que um estádio vazio.
Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém”
Eduardo Galeano, Futebol ao sol e à sombra.

Segundo Tempo (2017) é um documentário de Rogério Zagallo sobre a transformação do antigo estádio Palestra Itália no moderno Allianz Parque, arena multiuso inaugurada no ano do centenário do seu clube, a Sociedade Esportiva Palmeiras.

O filme debuta com imagens da noite de inauguração do Allianz Parque, em 19 de novembro de 2019². O imponente estádio, visto pelo alto e pelo lado de fora, é iluminado pelo foguetório que celebra a nova casa e anuncia a entrada das equipes Palmeiras e Sport em campo. Registros da arquibancada flagram todos os torcedores na cena seguinte com celulares empunhados de modo a gravar o momento histórico. Já nesse breve início, velho e novo se misturam: a narração que abre a película não é do jogo daquela noite de 2014, já década passada para nós, aqui, em 2024. É, na verdade, de um jogo dos anos 1970.

Apesar de corporativista, o documentário conta com imagens do último jogo oficial no antigo Palestra³ e registros da grandiosa obra, desde a demolição das antigas estruturas palestrinas às novas vigas sendo levantadas, forjando a estrutura da moderna e imponente arena multiuso, bem como imagens da antiga

¹ Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/Unicamp), bacharela em Ciências Sociais (UFRJ) e co-fundadora do Laboratório de Estudos em Práticas Esportivas e de Lazer (LAPEL), baseado no IFCH/Unicamp. Interessada em torcidas organizadas de futebol, movimentos associativos de torcedores, sociabilidades futebolísticas, gênero e esporte, antropologia urbana. Contato: lessadeoli@gmail.com.

² Ver: < <https://esportes.r7.com/futebol/sport-ganha-e-estraga-festa-do-palmeiras-na-inauguracao-do-allianz-parque-20112014/> > Último acesso em 16/09/2024.

³ Palmeiras 4x2 Grêmio, pelo campeonato brasileiro de 2010. Mais tarde, no dia 9 de julho, o adeus foi com uma derrota de 2 a 0 para o Boca Juniors (ARG) em jogo amistoso.

estrutura interna do estádio, passeando por seus corredores, salas, corredor de acesso ao gramado e pelo vão do inolvidável jardim suspenso. Conta também com depoimentos de torcedores e torcedoras de diversas faixas etárias e de ex-jogadores notáveis como Ademir da Guia, “São” Marcos, César “Maluco” e Evair.

Estes depoimentos possibilitam destacar três dimensões nas narrativas das pessoas entrevistadas. A primeira dimensão é o estádio como materialização do pertencimento e de um sentimento de coletividade entre pares. Assim, a saudade, a nostalgia e o amargor diante do novo por vir se misturam entre os que viveram ali tempos gloriosos. O segundo é a dimensão do campo-gramado como algo sacro e, portanto, que deveria manter-se livre do “pecado” das intervenções de modernização. A valorização do passado entra na ordem do particular, por parte de quem escreveu a história, e ganha um tom de superioridade em detrimento de qualquer coisa que venha a seguir, porque há quem tenha vindo e feito antes.

Fernando Galuppo, jornalista e historiador alviverde, em visita às obras, alega ver a transformação diante dos seus olhos. E teme que seja a despedida das “queridas torres da [nome da avenida e antiga indústria] Matarazzo”. Para eles, as torres da antiga fábrica simbolizam

“não só o progresso do Palmeiras, mas da vida da cidade. Creio que ali é a nossa trindade, o nosso pai, filho e espírito santo zelando pelo estádio do Palestra Itália. Querendo ou não, as Indústrias Matarazzo foram um grande patrono. Parece que é o fim de uma era. O fim de um ciclo. Porque, pelo que a gente conhece das maquetes, da nova arquitetura, basicamente a gente não vai ter mais essa visão romântica das torres da caldeira do Matarazzo. É um ciclo que se encerra. É o fim da minha infância. De acabar de assistir ao jogo e me debruçar na muretinha para ver a torcida indo embora pela avenida Matarazzo... olhando as torres...”

De fato, a enorme muralha metálica que reveste o estádio, refletindo a luz solar e brilhando à luz noturna encerra qualquer possibilidade de olhar para este passado. As torres, ora espécie de “santíssima trindade”, são ali renegadas pelo moderno.

Na mesma linha, o ex-jogador César “Maluco” conta já ter tido muitos sonhos realizados no antigo gramado. Mas que, “infelizmente”, o palco onde fez história aos poucos “vai ser desmanchado” e que não se “pode fazer nada”. Afinal,

“é a vida”. Para ele, o Palestra continuaria de pé, tal qual era, porque ali é onde a história foi feita. E segue: “vão botar tudo abaixo [aquilo] que nós, jogadores do passado, ajudamos a construir”. Sarcástico, ameniza dizendo que ao menos seus filhos e netos “irão vibrar com isso”, sendo “isso” o bota-abaixo. E finaliza: “Coisa linda!”.

A valorização e mesmo o apego ao passado são oriundos não somente do que se testemunhou como também do que se fez naquele campo pelos atletas. Uma vez palco de onde jogadores deram seus *shows*, é quase como se a demolição estrutural também apagasse os feitos, e isso não é verdade. Vendo as antigas quatro linhas quase como território sagrado, César desabafa que podia ter-se mexido em todo o resto, “mas não podia mexer no campo”.

Um novo capítulo

Em jogo festivo, Ademir da Guia, Denilson, Marcos, Evair, Dudu e outros ídolos do clube estrearam o gramado da nova arena⁴. O documentário mostra, horas antes, os preparativos para abertura dos portões. Entre eles, registros de policiais e bombeiros transitando e olhando admirados por entre arquibancadas e gramado. Já com portões abertos, torcedores são flagrados chorando, emocionados ou rindo, eufóricos, assim que chegam às arquibancadas. Pais e filhos se abraçam, amigos se cumprimentam. É o pontapé inicial para um novo capítulo da mesma história.

Visivelmente emocionado, o “prefeito” Florival Fernandes, diz que é “complicado e dolorido” estar no novo Allianz, não só para ele próprio, “como para centenas e centenas de torcedores”. São milhares de pessoas que “acompanham o clube há 30, 40, 50 anos... hoje você chega aqui e se depara com esse monumento”. O misto de sentimentos envolve orgulho do imponente estádio, pois sua grandeza materializa a grandeza do próprio clube, e a impossibilidade de viver tudo de bom vivido naquela mesma localidade, mas em estádio e épocas tão distintas.

⁴ Ver: <<https://www.palmeiras.com.br/noticias/divino-sao-marcos-e-outros-idolos-disputam-primeira-partida-no-allianz-parque/>> Último acesso em 16/09/2024.

A ambiguidade também se manifesta em depoimento do goleiro “São” Marcos, um dos atletas que mais vestiu a camisa do time.

“Sempre fiz do Palestra a minha casa. Com certeza eu vou ser um dos que mais vai sentir falta de jogar lá, porque mesmo que a arena esteja sendo feita para melhorar a condição do torcedor, a condição do jogador... no Palestra nós sempre tivemos um estádio aconchegante pra ver um jogo e eu vou ter saudade de jogar lá.”

A saudade do velho com o reconhecimento da importância do novo para “melhorar a condição” de quem ocupa distintas áreas do estádio apresenta uma possível contradição entre discursos defensores da modernização dos estádios visando mais conforto aos frequentadores. O goleiro considera o antigo Palestra aconchegante. Esse tipo de elogio é comum entre frequentadores dos estádios “raiz”. Ou, ainda, alegam que as transformações, por mais que positivas em certa medida, não parecem necessárias.

O bom filho à casa torna?

“Eu acho que o futuro vai ser legal”
Ademir da Guia

Em 19 de novembro de 2014, torcedores se deslocam de todos os cantos de São Paulo e mesmo de outros estados do país rumo ao bairro da Pompeia. Alguns deles são impelidos a acompanhar o dia histórico *in loco* após anos sem pisar em qualquer estádio. Afinal, “não é qualquer time do futebol brasileiro que faz um estádio desse nível”, afirma um alviverde vindo do Ceará para o momento inaugural.

César Maluco, que em depoimento anterior no filme aparece irônico e incomodado com a demolição do Palestra e construção do novo estádio, sobretudo insatisfeito com o novo campo em detrimento do jardim suspenso, na noite de estreia da arena se mostra orgulhoso do seu “presente”, dessa “casa linda”, erguida no local que o centroavante considerava como quintal de casa pois “brincava ali”.

Um torcedor de meia idade, orgulhoso, junto à sua esposa, conta que frequenta “ali” desde pequeno. E que, como esteve presente naquele último jogo

no antigo estádio, fez “uma força” para, igualmente, estar no jogo inaugural da arena. A dimensão da “força” pode ter alguns significados, como um esforço financeiro devido ao aumento no preço das entradas pela modernização do estádio, sendo “o preço que se paga” por mais conforto, segurança e, por que não, pelo *status*; um esforço físico pelo deslocamento geográfico, a depender de onde se parte; ou, por último, um esforço em mobilizar outros agentes (no trabalho ou na família, por exemplo) para ter aquela noite livre a fim de vivenciar o momento histórico.

De maneira inversa, uma jovem torcedora chora porque não conseguiu ingresso para a partida inaugural. Após “anos indo direto” no Pacaembu, estádio paulistano onde o Palmeiras mandou seus jogos durante o período de construção da nova casa, considera injusto, não conseguir assistir ao jogo de dentro do estádio⁵. Esse “poder” é uma outra dimensão inexplorada no documentário. Imagina-se que, conforme hipótese no caso anterior, há a mesma dimensão financeira quanto ao valor do bilhete. Outra possibilidade seria o esgotamento rápido da carga de ingressos vendidos ou mesmo o impedimento, por qualquer outro motivo senão monetário, de garantir sua entrada quando da liberação da comercialização dos tíquetes.

Sobre a experiência de vivenciar o antigo Palestra e as expectativas quanto à nova casa, uma senhora torcedora assegura que, não só ela, como

“todos os palmeirenses sempre foram muito felizes aqui. É uma coisa de entrosamento. A partir do momento que você adentra ao clube, que você sobe essa arquibancada, você sente uma energia muito grande. Principalmente uma energia de respeito, de amizade. Quando você sai, no final do jogo, você ganha mais três amigos aqui, três amigos ali... e aí se forma um novo grupo. Eu tenho certeza que o Allianz vai trazer isso de novo pra gente. Depois de quatro anos de construção eu acho que a gente merece.”

Para os torcedores que vivem intensamente um clube, seja pelos sofrimentos e frustrações, seja pela dedicação na arquibancada, abrindo mão de outros eventos e momentos para acompanhar o time independentemente de onde, por quanto e como, há uma sensação de merecimento de “coisas boas”,

⁵ A torcedora diz: “Acho muito injusto eu ir direto no Pacaembu e quando chega aqui, na estreia, eu não posso entrar”.

numa lógica de recompensa pelo “trabalho” realizado. Há também noção de merecimento do próprio clube, cujo passado vitorioso parece digno de um estádio monumental à sua altura e de outras novas conquistas.

Por outro lado, esse tipo de construção demanda altíssimos investimentos. Estes, no limite, são “pagos” pelo público, que é afetado pelo longo período de obras e pelo torcedor que passa anos sem sua casa e, quando ela parece disponível novamente, vê muitas vezes suas portas fechadas pelo aumento considerável no valor dos ingressos, dos alimentos e bebidas lá dentro. Nesse caso, há sentimentos ambíguos pelo orgulho do espaço e do clube junto à frustração particular em vivenciar menos do que imaginado, menos que antes ou de uma nova maneira, talvez com adaptações no quando e com quem frequentar, além de como vivenciar o espaço.

Ex-presidente da Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP), Luiz Pinho retoma a dimensão do estádio-casa. Para ele, “você vinha aqui pra carregar e descarregar o dia a dia, né?”. Compartilha episódios em que “bebeu demais” e dormiu no estádio, sendo acordado por agentes de segurança horas depois. Cena pouco provável nos estádios mais vigiados e controlados atualmente. Controle desde proibições do porte de certos itens durante a revista policial antes da entrada na arena ao controle mais “brando”, com escadas e degraus mais curtos, corredores mais estreitos, instalações de parapeitos, cadeiras que dificultam certos movimentos, redes de proteção entre outros exemplos materiais ou simbólicos.

Passado e presente: mais aproximações que afastamentos

“Aqui é a nossa casa. O filho tá voltando à sua casa. Tá tudo aqui, na memória”
Ademir da Guia, na noite inaugural

O goleiro Marcos fala da importância de “voltar a ter casa” porque “casa é importante para um time”. Nessa casa simbólica, mas também materializada no estádio e seus entornos, até mesmo naquele bairro, pares se reúnem, celebram uma conquista, partilham uma dor. Cantam, brincam, se divertem. Essa família implica em relações amistosas e de reciprocidade, com as tramas bordadas

através do *continuum* de certa constância e ações positivas uns para com os outros.

Do mesmo modo, o artilheiro Evair comenta que “dizia[-se] que quando demolisse aquele outro [estádio] e levantasse esse monumento ia se perder um pouco daquele... daquilo... mas não é verdade. A história foi escrita e nada muda”.

O presente não se faz de um quadro em branco, é tramado a partir do que veio antes. Se o jardim suspenso não resistiu, foi para dar lugar a um novo gramado com expectativas de ser palco de mais belos gols, viradas emblemáticas e consagrações de títulos. De onde testemunharão os feitos os presentes em seus devidos lugares, seja em pé, sentados ou em cima das cadeiras, em detrimento das espaçosas arquibancadas puramente em concreto.

No documentário, outro momento sugerindo a relação entre passado e presente é o *time lapse* da colocação do novo gramado – sintético – com narrações antigas de gols marcantes.

Uma vez casa, não se deixa de ser. O Palestra, ao mesmo tempo que materializa orgulho e saudade dos momentos vividos nele, só carrega esse fardo porque outras coisas coexistiram ali. Laços também se formaram no Pacaembu. Vitórias, derrotas e empates também foram vistos lá. Comunhão, harmonia, amizade estiveram presentes nesse e em outros estádios. Se um estádio simboliza coisas, ele está longe de ser o único agente responsável por mobilizar sensações e experiências.

Um estádio de futebol é palco da materialização de sentimentos muitas vezes ambíguos, mas sempre coletivos. A catarse toma conta do público ao mesmo tempo que cada torcedor reage à sua maneira. Se ações “brutas” se repetem, cada um presente carrega suas próprias crenças, maneirismos, superstições e manifestações. Um estádio de futebol é único, mas não é. Cada estádio possui suas particularidades, sua estrutura, sua localização. Mas todos testemunham avalanches de sentimentos e as mais diversas experiências para os frequentadores.

Ali, entre as ruas Palestra Itália e Matarazzo, se arquibancadas, campo, estrutura e até o perfil do torcedor frequentador mudam, o espírito permanece o mesmo. Talvez, na verdade, mais intenso e orgulhoso, com reafirmações da grandeza do clube manifestadas na sua casa-estádio, no foguetório clareando as

noites paulistanas e no canto ensurdecido em uníssono de quarenta mil corações alviverdes.

Referência

SEGUNDO Tempo. Direção de Rogério Zagallo. Brasil: Oka Comunicações, 2017.
(90 min)